O espólio de Fradique

Exactamente quando a nova geração aflorava dentre as rendas do berço é que Fradique Mendes se deixou morrer em Paris nesse fatal inverno de 1888, da mesma morte que êle e Cesar foram os dois a apetecer — *inopinatam atque repentinam.* A culpa teve-a, sem querer, o velho general Terran-d'Azy, levando, por engano, a rica pelissa de Fradique, ao sair duma festa em casa da condessa de La Ferté, companheira de Fradique na sua celebrada viagem á Islandia. O que veiu a suceder depois é desgraçadamente do conhecimento de todos.

Posto que confortavel e rica, Fradique sentiu uma repugnância invencivel ao encontrar-se no vestiário do palácio La Ferté com a pelissa duma pessoa que sinceramente detestava sempre pela sua rabugice e pelo seu catarro. A noite estava, porém, sêca e límpida. Sem uma hesitação, Fradique, em casaca, preferiu atravessar a pé a praça da Concórdia. Não reparou na aragem, que corria finissima, — uma aragem certamente afiada durante léguas e léguas

EÇA DE QUEIROZ

EM NEUILLY, VESTIDO DE MANDARIM

ao longo das planícies do norte e que já o velho André Vasali comparava a um punhal traiçoeiro...

Na manhã seguinte, quando o seu criado Smith, velho escocês do *clan* dos Macduffs, ás nove horas bem batidas lhe entrou no quarto, gritando, como de costume: — «Morning, Sir !», Fradique, despertando, achou-se tomado duma tosse impertinente, ainda que leve. Não se preocupou muito Fradique, seguro da sua robustez que resistira ás inclemências dos mais contraditórios climas do mundo. E cumprindo imperturbavelmente o seu imperturbavel horário, marchou caminho de Fontainebleau, instalado no alto dum *mail-coach,* e atraido pela camaradagem espirituosa dalguns amigos. A' noite, ao recolher, queixou-se de arripios. Dois dias passados, Fradique «tinha vivido», — como costumavam dizer os antigos, expirando com tanta serenidade, que Smith, durante minutos, supôs que seu amo adormecera simplesmente. Ao caracterizar a doença — uma fórma rarissima de pleurisia, o dr. Labert não se conteve que não exclamasse : — *Toujours de la chance, ce Fradique !*

Debaixo dum ceu cinzento de neve, as ruas de Paris viram atrás dos restos de Fradique um punhado das mais gloriosas figuras da França nas coisas da arte e do bom-saber. Houve quem o chorasse, — rostos lindos e misérias ignoradas. Porque, Fradique, apesar de scético, gostava de acudir aos males humanos, embora envolto em cabaias de seda. Deixaram-no tranquilamente no *Père-Lachaise,* — informam-me que não longe da sepultura de Balzac, onde, todos os anos, pela Festa dos Mortos, Fradique mandava poisar um ramo de violetas de Parma, em lembrança das flores mais amadas pelo grande autor de *La Comédie Humaine*. Por sua vez, nunca as rosas se sécam sôbre o bocado de mármore que cobre as cinzas de Fradique.

Não se apagaram ainda os écos da curiosidade levan-

tada á volta dos seus manuscritos. Pensador verdadeiramente pessoal e forte, — como o definiu na *Gazette de France* êsse subtilissimo psicólogo que se escondia sob o pseudónimo de *Alceste,* de Fradique quasi se poderia dizer o que Dumas Filho dizia a Bourget de Flaubert: — «Foi um gigante que deitou ao chão uma floresta, para fazer uma boceta». Impresso, nada mais se lhe conhece, rialmente, do que as *Lapidárias,* publicadas na *Revolução de Setembro,* e o precioso poemeto *Laus Veneris Tenebrosæ,* aparecido aí pelos fins de 69, ás vésperas da Outra-Guerra, na *Revue de Poésie et d'Art.* As *Lapidàrias* marcavam nas influências recebidas a transição do Victor Hugo da *Légende des Siècles* para o Leconte de Lisle dos *Poèmes Barbares et Antiques.* Mordido muito de perto pelo lirismo rebelde de Swimburne, no *Laus Veneris Tenebrosæ,* Fradique Mendes sacrificaria um pouco á moda esotérica dos cenaculos que freqùentava, recordado, sem dúvida, dos *Franciscæ meæ laudes* de Baudelaire, peça curiosamente trabalhada em estilo de baixa-latinidade e dirigida por Baudelaire, — «o maganão das *Flores do mal»,* — na frase do próprio Fradique —, «a uma modista erudita e devota». Mas, pequenos desperdícios dum dos maiores talentos do seu tempo, o que era isso, afinal, para quem, como Fradique, possuidor duma vasta e compreensiva inteligência, dispunha tambem dos maiores tesoiros da sensibilidade e do requinte? O que se apurou na roda dos seus íntimos é que Fradique deixara manuscritos. Eça de Queiroz assevera-nos com uma segurança que pressupõe quasi palavra de honra, que na casa da rua de Varennes os entrevira mais duma vez adentro dum cofre espanhol do século XV, a que Fradique chamava com distraído desdem — a «vala comum». Ora no seu testamento Fradique ordenou terminantemente que os misteriosos originaes do cofre se entregassem á mesma *Libuska,* de quem

tanto falava nas suas cartas a M.me de Jouarre, a ponto de que no-la tornou uma imagem familiar «com os seus veludos brancos de Veneziana e os seus olhos claros de Juno».

Casada com um diplomata silencioso e vago, que morrera em Paris duma anemia vagarosa, e que escrevia *capitene* (pertencera na Rússia ás Guardas-Imperiais) em vez de *capitaine,* Varia Lobrinska era da família dos principes de Palidoff. Tão depressa enviuvou, Madame Lobrinska, rodeada de aias e de crépes, recolheu aos seus domínios de Starobelsk, no govêrno de Karkoff. Voltou, porém, com a flor dos castanheiros, — e a sua risonha e luxuosa viuvez nunca mais abandonou Paris. Andava então Fradique preocupado com o estudo das literaturas slavas, perdido de todo com a beleza dum dos seus mais antigos poemas, — *O Julgamento de Libuska,* que se descobrira por acaso nos arquivos do castelo de Zelene-Hora. No salão de M.me de Jouarre, M.me Lobrinska e Fradique travaram relações. Naturalmente, na conversa, houve alusões ao poema. Por gentileza dos condes de Colloredo, seus parentes e senhores de Zelene-Hora, Madame Lobrinska estava na posse duma rarissima reprodução das duas fôlhas de pergaminho em que se encontrava essa velha epopeia. Releram ambos, juntos, o texto heroico na oferta preciosa dos condes de Colloredo. E um instante veiu — não sei se se lembram — em que, como os dois amorosos de Dante, «não leram mais no dia todo»...

Fradique começou a tratar Madame Lobrinska por *Libuska,* — a rainha que nos aparece no *Julgamento,* de branco vestida, como Beatriz, e mais resplandecente do que a própria sabedoria. Por seu lado, Madame Lobrinska tratava por *Lucifer* a *Fradique.*

Chegou, entretanto, o novembro funesto, aquele novembro funesto em que *Lucifer,* ou seja Fradique Mendes, morreu, como Cesar, de morte *inopinatam atque repentinam.* E

com solene tristeza Madame Lobrinska recolheu de novo ao seu senhorio de Starobelsk, no govêrno de Karkoff. Murmurou-se por Paris, em sorrisos discretos, que a filha dos Palidoff ia chorar, entre o silêncio respeitoso dos seus *mujiks,* a sua segunda viuvez, — «até que viessem os lilazes...» — acrescentava-se com malícia. Mas os lilazes vieram, vieram outra vez as flores dos castanheiros, — e Madame Lobrinska não voltou.

Será talvez bom recordar que o marido de Madame Lobrinska arrastara seis anos de diplomacia estagnada no Rio de Janeiro, esperando, — conta Eça de Queiroz, de quem me estou socorrendo como autoridade de pêso para o presente estudo — por aquela apetecida legação da Europa que o príncipe de Gortchakoff, Chanceler do Império, afirmava pertencer a Madame Lobrinska *par droit de beauté et de sagesse.* Essa legação nunca chegou. E no seu longínquo exílio, perfumado duma inexprimivel saudade da neve, Madame Lobrinska decidiu aprender o português. Aprendeu-o tão saborosamente que Fradique mostrou a Eça uma tradução da elegia de Lavoski, — *A colina do Adeus,* como sendo um mimo de pureza e de estilo. Pena é que a tradução de Madame Lobrinska se tivesse extraviado, porque assim apreciariamos melhor os recursos de emoção da mulher a quem, por extraordinária homenagem, Fradique legou a posse dos seus manuscritos.

Discute-se o que fôssem os manuscritos de Fradique. Eça, apenas começou a coleccionar-lhe as cartas, dirigiu-se imediatamente a Madame Lobrinska, comunicando-lhe o seu grande desejo de fixar num estudo de larga e carinhosa critica a psicologia excepcional do glorioso amigo morto. Solicitava para isso o romancista dos *Maias* e da *Ilustre Casa* à herdeira enigmática dos papeis de Fradique, se não uns excertos dos originais acumulados no cofre espanhol

do século XV, «ao menos algumas revelações *sobre a sua natureza*». Madame Lobrinska respondeu com polidas palavras que, na recusa que delicadamente envolviam, mostravam bem, na própria expressão de Eça, — que debaixo dos claros olhos de Juno existia uma razão clarissima de Minerva.

Em letra grossa e redonda, numa imensa fôlha de papel de linho, onde, por sob uma corôa de oiro, se lia a oiro a divisa *Per terram ad cœlum*, a *Libuska* de Fradique-*Lucifer* persistia em manter o mistério, cada vez mais denso, em que jazia o espólio literário do auctor das *Lapidárias*. «Os papeis de Carlos Fradique — dizia Madame Lobrinska naquele mesmo português natural e dôce da sua tradução da *Colina do Adeus* —, tinham-lhe sido confiados, a ela que vivia, longe da publicidade e do mundo que se interessa e lucra na publicidade, com o intuito de que para sempre conservassem o caracter íntimo e secreto em que tanto tempo Fradique os mantivera; e n'estas condições o *revelar a sua natureza* seria manifestamente contrariar o recatado e altivo sentimento que dictara esse legado !...» E com firmeza inexoravel assim fechava a uma curiosidade piedosa o cofre espanhol do século XV, — a interdita «*vala-commum*» do orgulho de Fradique, a esta hora desfeito na poeira das coisas sem nome, depois do assalto dos camponêses de Karkoff aos domínios de Starobelsk.

Perante a negativa obstinada de Madame Lobrinska, várias suposições se desenharam entre os companheiros de Fradique àcerca do que se conteria dentro dêsse cofre, mantido em tão severo e religioso resguardo. Aventavam alguns de que se tratava de dois trabalhos em esbôço, a que Fradique aludia com freqúência, como sendo o tema mais cativante para a sensibilidade e para o pensamento da sua época, — terrivel época de transição; — uma *Teoria da*

Vontade e uma *Psicologia das Religiões*. Teixeira de Azevedo, porém, — o Teixeira de Azevedo que em outros tempos espavoria os cónegos da sua visinhança declamando noite velha a *Charogne* de Baudelaire —, cuidava, ao contrário de muitos, que nos papeis de Fradique o que devia existir era um romance de fortes pinceladas épicas, ressuscitando um tipo de civilisação extinta, conforme o modêlo de Flaubert na *Salammbô*.

Fundava-se Teixeira de Azevedo, para a sua afirmação, numa carta de Fradique a Oliveira Martins, aí por volta de 1880: — «Que dirá você, dilecto Oliveira Martins, — confidenciava então o poeta bizarro das *Lapidárias* —, se um dia, desprecavidamente, no seu lar receber um tômo meu, impresso com solemnidade e começando por estas linhas: — «Era em Babylonia, no mez de Sivanú, depois da colheita do balsamo?...» Mais senhor do *facto,* e como Fradique amando os grandes espectáculos cosmopolitas, com a retina avezada a distinguir dum golpe o traço que marca, o aspecto que caracteriza, Ramalho Ortigão participava de outro parecer. Só *Memorias* se aferrolhariam no cofre espanhol do século XV, pela singela e pronta razão de que «só a *Memorias* se póde coherentemente impôr a condição de permanecerem secretas».

Fôsse como fôsse, eu inclino-me antes para a opinião de Eça de Queiroz. Fradique não nos deixou nem um volume de psicologia nem um romance epo-histórico. E muito menos «Memórias», elucida Eça —, inexplicaveis num homem que se estonteava no amor da idéa abstracta. Neste ponto discordo eu do ilustre editor da *Correspondencia* de Fradique. Fradique, para mim, não se estonteava com o amor da idéa abstracta. Victima como a sua geração do conflito entre a ideologia e a *realidade,* Fradique, se o tomarmos como uma figura-símbolo, é precisamente como Antero um for-

midavel e dolorosissimo crucificado mental. Se Antero, pelas exigências duma profunda estrutura católica, se lançou arrojadamente na «selva oscura» da sua noite filosófica, Fradique, reflectindo hereditariedades mais antagónicas, decidiu-se por essa espécie de renúncia que é sempre o dandismo da inteligência e o sibaritismo da sensibilidade.

Fixemo-nos num detalhe da maior importância para a ressurreição psíquica de aquilo que, em verdade, significou Fradique Mendes, até ao dia de hoje festejado como um dizedor de ironias scintilantes, mas sem dúvida o exemplar mais representativo da influência do chamado «*mal du siècle*» na sociedade portuguesa, contemporânea da Regeneração. Quando Eça, pelo braço do Vidigal, visitou Fradique no antigo Central, ao Cais do Sodré, nos aposentos do varão insigne o calor desfolhava um ramo de rosas sôbre volumes de Darwin e do Padre Manuel Bernardes. Rosas, Darwin e Manuel Bernardes: — o encanto das flores e o encanto do estilo, sorvido como um perfume breve, como uma luxúria passageira; ao contato de dureza feroz, brutalissima, da vida sem Deus, a geração de Fradique procurava enganar-se, inventando ídolos: se a existência se decompunha como a *Charogne* de Baudelaire, — «*Alors, o ma beauté...*» —, procurássemos-lhe ao menos o hálito embriagante, embora efémero e mentiroso. Darwin pesava, na sua negação feroz, em cima dos nervos e da alma duma mocidade que trazia nas suas veias a inquietação sagrada dos grandes avós do romantismo. Antero, porque reagiu e protestou, suicidou-se, por fim, sem descobrir a fórmula de conciliação em que a razão e o sentimento se abraçassem embaladoramente. Fradique, mercê de circunstâncias de que investigaremos os motivos, seguiu por caminhos na aparência diversos, mas os mesmos no fundo e na essência. Optando pelo «aroma dos vasos vazíos» — na palavra

amargurada de Renan, Fradique demite-se do mundo um pouco à Petrónio, e muito à imagem e semelhança do scético dos *Souvenirs d'enfance et de jeunesse.*

Porque o caso de Fradique é nas nossas letras um caso de *renanismo* puro, é que a mim se me afigura que Fradique não foi nada um homem da ideia abstracta. O que havia em Fradique era um excesso de inteligência — um gôsto indominável de análise. Fradique não praticou a regra que Antero preceituava em mais de uma das suas cartas: — «*Saber até qual limite se póde saber.*» Ora como a inteligência por si é impotente para resolver a tortura do coração e do entendimento, Fradique, compondo a sua atitude segundo a atitude de Renan, decidiu-se a ser em vez duma das *dramatis personæ* da tragédia do século, como Amiel ou o poeta dos *Sonetos,* um espectador amável, resignando-se com amabilidade às cruezas sórdidas da vida. Nem por isso o seu calvário seria menos cruciante, nem nêle teremos menos que aprender.

O processo do «espírito-de-análise» informa-o com mão de mestre nos seus *Essais de psychologie contemporaine* êsse mestre de verdade que é Paul Bourget. Verificar-lhe as conseqüências funestas na mentalidade nacional é estudar em conjunto a geração de Fradique, não só culminante em Portugal, mas, sem dúvida, na sua expressão literária, uma das mais representativas da Europa Ocidental. Em semelhante estudo, que num dia mais sereno constituirá para mim uma das minhas mais queridas realizações, — em semelhante estudo se ha-de gravar como em nenhum a genealogia directa e forte da poderosa corrente tradicionalista que hoje absorve o melhor das inteligências moças no nosso país. Antero, Oliveira Martins e Eça de Queiroz são verdadeiros professores de nacionalismo, enriquecendo com a sua experiência e sua angústia de *antecipados* a admiravel

síntese nacionalista que, num futuro bem próximo, encherá a consciência colectiva da Pátria dum sentido novo e dum vigor inesperado.

Como os seus amigos de perto, Fradique é tambem um *inactual,* é tambem um antecipado. O seu cosmopolitismo intelectual conduziu-o pelo culto íntimo da emoção estética às portas dum completo sistema de nacionalismo artístico e político. Admiram-se que eu, ao escrever do paradoxal Fradique, acrescente ao paradoxo constante do seu temperamento um paradoxo mais: — *Fradique, mestre da Contra-Revolução?* Pois, sem paradoxo, o acrescento e afirmo. Ignoro o que conteria o misterioso cofre espanhol do século XV, a preciosa *vala-comum* do orgulho preciosíssimo de Fradique. No entanto, se Madame Lobrinska tivesse atendido às solicitações de Eça de Queiroz, do fundo da trabalhada e cubiçada caixa não sairia nem uma *Teoria da Vontade* nem uma *Psicologia das Religiões.* Talvez saisse antes, embora em esqueleto, embora em borrão, um livro que se leria agora com espantosa oportunidade: — *Filosofia da reacção na política e na arte.*

*

* *

Importa conhecer porque, ao ocupar-me do espólio de Fradique, eu me manifesto assim com tão tranqùila segurança. Infelizmente para mim, infelizmente para todos nós, com o falecimento em abril de 1901 — quando floriam outra vez os lilazes — de Madame Lobrinska, nunca mais regressada da sua neve e dos seus crepes, o cofre espanhol do século XV não ficou preservado contra o desinteresse sacrílego de qualquer herdeiro indiferente da filha dos Pali-

doff. Por intermédio dum diplomata russo que eu convivi em Vigo, jogando um eterno *poker* e presagiando o fim das civilizações através da teoria matemática das *linhas descontínuas,*—por intermédio dêsse expatriado, como eu, o mais que pude apurar foi que o domínio de Starobelsk ardera ultimamente, em seguida a um assalto enraivado dos campesinos de Karkoff, sendo até violadas as sepulturas do carneiro senhorial—que triste sorte a da *Libuska* adorável do *Julgamento!*—e não ficando da residência opulenta mais que um monte gigantesco de ruinas acarvoadas.

Perdidos os elementos directos e positivos para a reconstituição do pensamento de Fradique, em que de ha muito e com enlevado amor me empenhava, não me ficou outro recurso senão o de surpreender com a possivel exactidão a linha tónica do seu espírito na carta que a piedade enternecida de Eça conseguiu salvar dum olvido deprimente.

Ao determinar a psicologia de Fradique, eu considerei-a já como uma demonstração de puro *renanismo.* Não é dificil de o documentar, desde que se entenda o que por *renanismo* se deverá entender. Entende-se, naturalmente, por ausência gostosa de *afirmação,* por diletantismo guloso das *fórmas* e das *idéas,* sem preferir, sem escolher, porque se para uns «ao Começo era a Acção», para Renan e para Fradique, ao Comêço e ao Fim era simplesmente—o Nada. Mas preguntar-me-ão: — «Dado um tal negativismo estrutural, dada uma tal impossibilidade de vontade e de crença, como é que se pretende enfileirar Carlos Fradique Mendes entre os doutores da Contra-Revolução? Pelas mesmas causas, conquanto que em órbita e plano diversos, porque Renan é autor da *Reforme morale et intellectuelle* e figura, na livraria de todo o bom reaccionário, ao lado de Ronald e de Maistre, alternando com Augusto Comte, Le Play e Taine. Não nos precipitemos, porêm, olhando, antes de mais

nada, aos antecedentes e à formação de Fradique, — ao que Léon Daudet chamaria o seu «*heredo*».

Representante da varonia ilustre daquele navegador D. Lopo Mendes, que, filho segundo da antiga casa da Trofa — Eça, manifestamente equivocado sôbre a lição errada de algum Nobiliário, escreve «Troba» e não «Trofa», — acabou em donatário duma das melhores capitanias dos Açores, Carlos Fradique Mendes descendia duma velha e rica familia insular com passagem larga nas Crónicas e na Torre do Tombo. O pai, assevera Eça que fôra um homem magnificamente belo, embora de inclinações rudes — o que lhe custou uma morte prematura, dum desastre, na caça. Por seu lado, «airosa, pensativa e loura», a mãi de Fradique merecera dum poeta melancólico da Terceira a designação lírica de «*Virgem d'Ossian*». E' ainda Eça quem nos conta que morrera duma febre apanhada no campo, «onde andava bucólicamente, n'um dia de sol forte, cantando e ceifando feno». Ninguem mais restava a Fradique além dum tio, Tadeu Mendes, que vivia em Paris, preparando com Luís Napoleão e com Morny «a salvação da Sociedade», com S maiúsculo, — ninguem mais restava a Fradique, pequeno e órfão, senão sua avó materna, D. Angelina Fradique, «velha estouvada, erudita e exótica (vidè *A Correspondencia de Fradique Mendes,* a pags. 15, quarta edição), que coleccionava aves empalhadas, traduzia Klopstock e perpetuamente sofria dos «dardos d'Amor». Eça é o primeiro a notar que a primeira educação de Fradique se acentuára logo como «singularmente emaranhada». O capelão de D. Angelina, egresso beneditino, iniciou Fradique nos mistérios do Catecismo e do Latim, inculcando-lhe, entre «outros principios solidos», no dizer de Eça, — o horror à Maçonaria. Creio bem que mais tarde, quando Balzac, Proudhon e Renan levassem Fradique ao limiar da Contra-Revolução, o

pobre frade, ardendo em ira sagrada contra os pedreiros-livres, passaria no espírito do poeta das *Lapidárias* como uma imagem tutelar, internecidamente reabilitada...

Pois dos cuidados do capelão da casa resvalou Fradique, sem mais transição, para os dum coronel francês, que nas barricadas de Julho provára, de peito às balas, o entusiasmo brusco da sua brusca exaltação jacobina. Nas leituras inocentes da meninice de Fradique, o *Feliz independente do mundo e da fortuna* viu-se substituido pelas *Ruinas de Palmyra* e pela *Pucelle*. Voltaire e Volney escorraçavam o nosso diáfano P.e Teodoro de Almeida. E para que a confusão resultasse mais completa, um alemão, «que ajudava D. Angelina a enfardelar Klopstock na vernaculidade de Filinto Elysio», e se apresentava como parente de Kant, avocou a criança ao seu raciocínio quadrado, envolvendo Fradique nas enxúndias filosóficas da *Critica da Razão-Pura*, muito antes de lhe sombrear o buço no lábio superior.

Só a reacção instintiva do temperamento de Fradique o salvou da morte certa que em tão verdes anos lhe provocaram os preceptores da sua inteligência. Herdára do pai o gôsto da vida rústica, aos saltos pelos montes, com os galgos atrás. Assim se defendeu até que aos dezasseis anos a avó o mandou para Coimbra a estudar Humanidades, deixando á responsabilidade de Eça a inconfidência que comete a págs. 16 da já citada quarta edição de *A Correspondencia*, quando atribui a propósitos menos honestos essa resolução da virtuosa senhora.

Não seguiremos agora Fradique ao longo da sua irrequieta existência de escolar. Nem tampouco nos deitaremos a correr com êle as sete partidas da Esfera, depois que a avó lhe morreu, repentinamente, debaixo dum caramanchão de rosas, por uma sésta lenta de junho, ouvindo o seu cocheiro, — é de Eça o detalhe — repicar a viola com os de-

dos enlaçados de aneis. O farto milhão de cruzados da sua herança bastava a Fradique para uma ostentação calculada de principe. Viajou as viagens mais inacreditaveis, cortando o mar de banda a banda — desde as civilizações adormecidas do Oriente ao tumulto modernista duma rua de Chicago, tudo a sua ânsia de ver experimentou com gulosa sobranceria, tudo, afinal, lhe deixou no fundo da alma aquele «perfume das urnas vazias» que seria a chaga sempre aberta da sua aparente felicidade.

Com um ancestralismo tão contraditório, Fradique não encontrou na sua infância a disciplina que naturalmente désse uma direcção fecunda ao seu *eu* tão carregado de originalidade, tão rico de emoção, tão cheio do sentido elevado das coisas. Dispondo de si e dispondo de dinheiro, com uma mocidade abundante e atraente, Fradique, ao desembocar nas avenidas do mundo, viveu num âmbito mais largo o conflito que Antero superiormente descreve na sua *Carta auto-biografica* a Wilhelm Storck.

«O facto mais importante da minha vida durante aquelles annos — confessa ao seu traductor o poeta dos *Sonetos* —, e provavelmente o mais decisivo d'ella, foi a especie de revolução intellectual e moral que em mim se deu, ao sair, pobre creança arrancada do viver quasi patriarchal de uma provincia remota e immersa no seu placido somno historico, para o meio da irrespeitosa agitação intellectual de um centro (Coimbra), onde mais ou menos vinham repercutir-se as encontradas correntes do espírito moderno». E Antero continúa : — «Varrida n'um instante toda a minha educação catholica e tradicional, cahi num estado de duvida e incerteza, tanto mais pungentes, quanto, espirito naturalmente religioso, tinha nascido para crêr placidamente e obedecer sem esforço a uma regra reconhecida. Achei-me sem direcção, estado terrivel de espirito, partilhado mais ou menos

por quasi todos os da minha geração, a primeira em Portugal que sahiu decididamente e conscientemente da velha estrada da tradição».

Fradique, da camada e da convivência de Antero, acha-se abrangido nas palavras impressionantes dum dos seus mais escutados amigos. A unidade interior de Antero não a possuia Fradique, já pelo descoordenado da sua hereditariedade, já pelo franco desenraizamento que bem cedo começava a operar na sua psicologia. Tanto pelas tiradas revolucionárias do coronel das barricadas de julho, como pelos kantismos de segunda mão com que o adormentava o primo do filósofo de Kœnigsberg, colaborador de D. Angelina Fradique nos seus contrabandos de Klopstock para o casticismo férreo de Filinto. Mas, modalidades áparte, o tipo mental de Fradique é o tipo mental de Antero, quando êste considera a sua geração como a primeira que em Portugal saíra da velha estrada da tradição consciente e resolutamente.

«Era o tempo em que eu e os meus camaradas de Cenaculo — reforça Eça — deslumbrados pelo lyrismo epico da *Légende des Siècles,* «o livro que um grande vento nos trouxera de Guernesey» — decidiramos abominar e combater a rijos brados o lyrismo intimo que, enclausurado nas duas pollegadas de coração, não comprehendendo d'entre todos os rumores do Universo senão o rumor das saias d'Elvira, tornava a Poesia, sobretudo em Portugal, uma monotona e interminavel inconfidencia de glorias e martyrios de amor». Um pouco mais velho, Fradique, partindo do Hugo das *Légendes,* descobrira já Leconte de Lisle e Baudelaire. O seu cosmopolitismo vincava-se artisticamente na escolha do «motivo raro» pela predilecção concedida ao diabolista das *Fleurs du Mal* e ás decorações bizarras dos *Poèmes antiques* e dos *Poèmes barbares.* No fundo, a ironia que lhe havia de entregar um scetro de elegância intelectual não passava

duma fórma macia de pessimismo que, tornado espectro metafísico invencivel, obrigaria Antero a despedaçar a cabeça com um tiro de revólver junto a uma inscrição, onde precisamente, ao alto, se lia, por contraste arrepiante, a palavra «esperança».

Como prova do pessimismo de Fradique, — e o pessimismo de Fradique é o pessimismo tão bem caracterizado nos mais miúdos e variados aspectos por Paul Bourget nos *Essais de psychologie contemporaine,* — eu assinalo, sobretudo, o seu dandismo estreme. Dandismo de inteligência, dandismo de sensibilidade, diletantismo no pensar e no sentir. A vida, para Fradique, não se vivia — saboreava-se, transformando-se quanto possivel num manjar precioso e exquisito. Não é que Fradique se abandonasse ás solicitações dum petronismo vulgar. Pelo contrário, desviado das grandes verdades tradicionais, sem a ilusão compensadora do humanitarismo revolucionário, Fradique não se resignava a ser um cínico, porque, apesar de tudo, uma voz secreta teimava em falar dentro dêle. D'aí o «dandy», — procurando defender-se do seu nihilismo interior pela miragem bem fugaz dos «Paraisos artificiaes». Choremos por Fradique, no entanto, que nem ao menos acreditava no ópio, no haschich, em Baudelaire, «o maganão, — como lhe chamava — das *Flores-do-Mal*».

Breve se lhe desfariam os «Paraisos artificiaes», transposta a fase de perturbação literária, de que o poemeto *Laus Veneris Tenebrosæ,* denuncía o período agudo. Não duraria mais a influência de Leconte de Lisle, marcando para as sensações da sua exigência estética o canon apolíneo da beleza marmórea e impassivel... Ai de nós, ai de Fradique — o demónio da sciência picara-lhe venenosamente o entendimento e não era por acaso que nos aposentos do Hotel-Central, ao lado do P.e Manuel Bernardes, — contista entre

os contistas da nossa terra! — espreitava a lombada agressiva dum volume de Darwin! O evolucionismo nos seus excessos devastadores obrigava-se, como uma serpe entre relva macia — *latet anguis in herbis* — debaixo do gôsto apurado de Carlos Fradique Mendes, descendente de D. João Mendes, da casa de Trofa — e não Troba, como reincide Eça—, e donatário no século XV duma das capitanias mais famosas dos Açores.

Com êsse medo tão peculiar do seu tempo, por toda a decaída mitologia racionalista, Fradique não obteve a necessária estabilidade do seu ser, senão aportando definitivamente ao *renanismo*. O esmêro de Renan pelo brunido do estilo transparece em Fradique no cuidado da frase castiça e própria. E' de Renan a curiosidade, tão evidente em Fradique, pelas grandes necrópoles adormecidas, pelas civilizações sagradas do Oriente. Ainda que rijo e transbordante de seiva, — a inexgotavel seiva insular dum bom tronco de descobridores, — o diletantismo intelectual de Fradique empurrou-o lentamente, como a Renan, para a inércia da bondade, para o uso e abuso da crítica, que esteriliza o impulso e reduz o homem a um simples espectador de si mesmo. «Se Napoleão fôra tão crítico como eu, costumava declarar o autor da *Histoire du Peuple d'Israel* — não daria nunca o golpe de Brumário». Outro tanto, em mais diminuta escala, ocorria com Fradique, que, excepcionalmente dotado em face dos contemporâneos, não deixou atrás dêle mais que uma panóplia de observações cheias de luminosidade e de sarcasmo.

Mas a aparentar Fradique com Renan surgem-nos mais subsídios ainda. Lembram-se decerto daquela esplêndida carta dirigida a Guerra Junqueiro, sôbre o essencial das religiões, como sendo, não o seu conteúdo teogónico ou teológico, e sim o seu revestimento litúrgico, a sua parte

pura e exclusivamente *formal*. Registamos factos, não discutimos doutrina. E até, em certo modo, a origem açoriana de Fradique, reflectindo na sua ancestralidade as longas reminiscências do mar, contribuiría para que o seu espirito, — urna vazia chorando a ausência dos antigos perfumes —, se aquietasse no relativismo dôce de Renan, tão impregnado do Oceano, como bretão que era, e dos mais secularmente enraízados.

Um comentador superficial atalhará nesta altura : — Que afinidade existe, porém, entre Fradique, mundano completo e rematado, e Renan, pessimista, embora dum pessimismo tão condescendente, como a sua condescendência natural de cura-de-almas transviado? Eu já indiquei o dandismo como um sinal da filosofia pessimista de Fradique. Recordemo-nos de que o dandismo foi para a literatura doente dos últimos cinqùenta anos um tema constante e por vezes superiormente tratado. Barbey d'Aurevilly celebrou-o num livro com tanto de esquecido como de notavel. Nas evocações doloridas da época, Lord Brummel figura ao lado de Luís da Baviera e de Charles Baudelaire, como o crucificado do seu orgulho desmedido, que na mentira transitória das *fórmas* pretendia ocultar o vácuo que o esperava de perto, ensinando-lhe, pelo dedo da Morte, os caminhos inevitáveis do Nada. Pessimismo, diabolismo e dandismo, são assim aspectos mais ou menos agravados da espessa noite negativista que, graças ao Senhor, já viemos encontrar no declinio.

Ao diletantismo de Renan pediremos, pois, o sinónimo correspondente ao dandismo de Fradique. Renan-sofista, adivinhando em tudo a goéla insaciável do Nada, é o molde moral em que se enquadra sem constrangimento Fradique-dandy, afectando posturas irónicas diante de «Ramézes fotografado». O fim *inopinatum atque repentinum* que Fradique

tanto apetecera para si como já o apetecera Cesar, o que é senão uma confissão de niilismo espiritual, com toda a sua relutância perante a face da Dôr, sem sentido para uma criatura que perdera o sentido das verdades supremas da Fé? E' nesse aspecto que Renan se nos revela extraordináriamente grande. Conta-no-lo Jean Psichari, no romance recente *Sœur Anthelmine.* Genro de Renan, de Jean Psichari — incrédulo e sofista como o sogro, nasceu Ernesto Psichari, — o convertido admirável de *Le Voyage du Centurion,* morto gloriosamente em combate, com o rosário enlaçado á espada, durante a retirada de Charleroi.

Pois no capítulo *Les deux Ernest* — o avô e o neto, Jean Psichari testemunha-nos a coragem assombrosa do velho Renan, defendendo-se até á última da preocupação finalista e gritando com uma voz sem réplica: — «*Je sais qu'une fois mort rien ne restera de moi-même; je sais que je ne serai plus rien! Rien! Rien!*» E Psichari acrescenta — «A gradação das maiúsculas crescentes não nos transmite senão imperfeitamente a fôrça dessa afirmação máscula, heroica e vibrante». A resposta á voz sem réplica de Renan deu-lha vinte anos depois seu neto — o seu representante directo. Certamente, se Fradique tivesse um filho, o filho dêsse filho responderia com um acto pleno de fervor á sua renúncia espontânea e desdenhosa. Não é isto, porém, o que no momento presente nos importa. O que nos importa é demonstrar a afinidade do dandismo de Fradique com o pessimismo de Renan. No episódio da morte do segundo ressalta tracejado com energia o vínculo que estreitamente os ligava entre si. Morrer bem, — *Plaudite cives!* — exclamava Augusto, agonisante — foi a preocupação de Renan, como foi a preocupação de Fradique, pondo como maior ambição o retirar-se da scena do mundo com dignidade e sem desalinho.

*

* *

Nesta fórma de pessimismo concluira Fradique, desviado quasi desde o berço da estrada serena da Tradição. Suponho inutil definir o que seja *Tradição,* sociológica e filosoficamente encarada. Evidentemente que não é mais que o tesoiro amontoado da experiência das gerações, baseando o desenvolvimento da sociedade na lei fundamental da *continuidade.* A quimera individualista do Romantismo, actuando irracionalmente por intermédio dum falso conceito do Homem, pretendeu conceber a sociedade não como uma *criação,* mas como uma *construção.* As consequências afloraram depressa, no coice dos mais desfrenados teorismos. Deslocado dos seus alicerces naturais e históricos, Portugal ressentiu-se logo da estranha e impetuosa paranoia, que se importara de França. A desnacionalização começou com as reformas líricas da gente da emigração liberal. Mas á geração de Fradique pertenceu o papel, a um tempo destruidor e renovador. Por ela é que Portugal tomou devéras contacto com as grandes correntes do pensamento europeu. A *Carta-autobiográfica* de Antero, é, a semelhante respeito, um documento não só pessoal, mas colectivo.

Pesa sobre Antero e os seus amigos a acusação de que ninguem preparou tanto como êles a miséria dos tempos actuais. É um êrro, — se não lhe quisermos chamar uma calúnia, — só filho da profunda ausência da cultura que manda em senhora absoluta no nosso infortunado país. E' indubitavel que a geração de Antero, — no seu próprio testemunho, — foi a primeira que em Portugal saiu conscientemente do leito seguro da Tradição. Mas, ao sair, encontrou-se, ávida de mestres que lhe utilizassem o entusiasmo, com o pensamento forte dum Balzac em literatura e dum Proudhon

em economia. Por Balzac e por Proudhon, — hoje unidos, como doutores da Contra-Revolução, no mesmo alvo de restauração social e intelectual, a geração de Fradique descubriria as cumiadas, donde novamente se havia de avistar, no seu esplendor perdido, a antiga pátria tradicional. O que roía e desfibrava Portugal senão o Liberalismo? Na geração de Fradique o Liberalismo acharia, embora ainda nas suas rudimentares manifestações destrutivas, o primeiro adversário que o atacou de frente e com resoluta coragem.

Oferece-nos a correspondência de Antero, como elemento persuasivo, um trecho singularmente interessante, em que o nome de Balzac aparece abraçado ao nome de Proudhon. Numa carta de 1866, dirigida ao seu amigo Germano Vieira Meireles, já Antero reparava: — *Os romances de Balzac são uma verdadeira historia intima do nosso século, e tenho admirado como em certas coisas capitaes (como a influencia da bancocracia, a anarchia do livre-cambio, as illusões do constitucionalismo, etc.) a sua observação despreocupada da sociedade se encontra e concorda com a critica systematica do grande Proudhon*». Será por Proudhon, rialmente, — pelo vigor desapiedado das suas análises á falsa e criminosa economia liberal, que não só Antero, mas com Antero Oliveira Martins, se aproximarão no futuro da idéa integral de Pátria, restituida ás condições vitais do seu renascimento pelo regresso ás duas grandes verdades que encheram dum clarão imorredoiro a obra de Balzac.

Na imaginação de Oliveira Martins podia imenso a fantasia romântica dum Michelet. Mas Proudhon corrigiu-lhe os exageros apaixonados da improvisação, e o *Portugal Contemporaneo* cedo evidenciou a regra segura que entregaria solidamente ao Oliveira Martins do *Projecto de lei do Fomento Rural* a compreensão económica da Nacionalidade. Assim se percebe que, agradecendo em março de 1888 a Fre-

derico Diniz de Ayalla o seu livro *Gôa antiga e moderna*, Antero comentasse: — «*Por outro lado, a politica anti-portugueza do partido regenerador n'esta questão, é mais uma completa manifestação da incompatibilidade do liberalismo com o nacionalismo, cujas raizes e essencia são muito outras*».

De nada mais se carece para sustentarmos com rigorosa irrefutabilidade o sentido francamente contra-revolucionário da geração de Eça e de Antero, — que é a geração de Fradique. Uma única excepção haverá a destacar, — é a de Guerra Junqueiro. Mas Guerra Junqueiro, psicológica e literáriamente um caso de puro hebraísmo, não tardará muito a ser restituido ás proporções medianas da sua estatura intelectual, agrandada tão sómente pela paixão política dum país, onde a noção das coisas do pensamento se mede, por via de regra, através daquela pitoresca inocência mental que já foi o maior título de celebridade de Mr. Homais, boticário em Rouen. De resto, a excepção só me confirma no meu juizo. E é socorrido por semelhante critério que um espírito bem intencionado precisa de examinar, — como superiormente o fez Hemetério Arantes —, o exacto significado da conversão de Ramalho Ortigão ao tradicionalismo político. E' que a sua acção de panfletário incansável não traduzira de modo nenhum uma demolição por demolição. Obedecera antes ao inato gôsto de medida e de arranjo, que Ramalho nos comunicou mais tarde, ao atingir o polo positivo da sua mentalidade.

O que sucedeu com Ramalho, sucedeu com Eça. O Eça inexoravel da primeira fase é o Eça que escalpeliza uma sociedade de postiços, em que a mentira se aninhara debaixo do disfarce duma aparência de honradez. Nós sabemos, por pesada herança, o que o Constitucionalismo representou para a ruina de Portugal! Eça não o poupou, com o ímpeto irresistivel dos que atacam de cara, sem olhar

aos golpes que descarregam. Como observador, *observou*, — não *concluiu*. Forçaram-lhe as conclusões, quando o supuseram batendo-se para perpétua glória dos Imortais-Princípios. Se Eça hoje vivesse, ver-se-ia onde é que Eça tomava lugar. Tomava lugar, não com os homens, mas com as gerações, — não com os bandos, mas com a Nacionalidade. Eis porque não me excedo, asseverando que a solução que Ramalho deu ao conflito da sua inteligência, não é uma solução meramente individual, como individual não é a *Carta-autobiográfica* de Antero. É a solução que se daria Eça, que se daria Oliveira Martins, que se daria Antero de Quental, — se é que se a não deram! —, se, por acaso, a presença dolorosa dos factos os tivesse acabado de esclarecer.

Quanto a Eça, — porque de Oliveira Martins, de Antero e de Ramalho a prova encontra-se feita, — quanto a Eça, ainda agora sordidamente enegrecido no seu nome como um desnacionalizado e um desnacionalizador, não é dificil a qualquer criatura de boa-vontade destruir sem esfôrço essa calúnia inqualificavel. Quem compreendeu, como Eça, a psicologia de Eduardo Prado, não nos deixa suspeitas ácerca da sua, em matéria contra-revolucionária. Não olvidemos que Eça, por influxo de Antero, se havia educado na convivência forte dos livros de Proudhon. Não é demais repetir que Proudhon é hoje um dos doutores mais vulgarizados da Contra-Revolução. Pois Eça já o citava, despreocupadamente, como tal. Nas *Notas contemporaneas,* Eça define o jacobinismo segundo Proudhon, a quem chama uma espécie de Santo Agostinho ou de S. Tomás da igreja socialista! De olhos poisados em tão autorizada fonte, o jacobinismo é, de feito, para Eça, não uma doutrina, mas «uma doença maligna de coração e de cerebro».

O sinal mais evidente de que são bem portuguêsas no

fundo as intenções de Eça de Queiroz está na *Revista de Portugal,* — um dos raros órgãos de cultura, com que entre nós se pretendeu coalhar nacionalismo consciente e elevado. Foi na *Revista de Portugal,* por exemplo, que Alberto Sampaio, — o nosso Fustel —, publicou algumas páginas suas sôbre a nossa organização social depois dos romanos e antes de Afonso Henriques, — prefácio largo e monumental à *Historia* de Alexandre Herculano. Na *Revista de Portugal* saíram, antes de enfeixados em volume, *Os filhos de D. João I.* Por lá deixou vestígios da sua erudição o insigne Martins Sarmento. E à *Revista de Portugal* pertence a glória de guardar os ensaios críticos do malogrado Moniz Barreto e as suas crónicas de política internacional, tão ricas de actualidade e de ensinamentos. E já não falo da circunstância de ser ali que as cartas do nosso chorado Fradique viram a publicidade pela primeira vez.

Eça inquiriu,—e inquiriu com finalidade filosófica—, das causas da nossa decadência. Escutemo-lo num breve trecho: — «O pae d'um amigo meu, em 1836 ou 1848, n'um odio repentino a tudo o que lhe lembrava o velho Portugal, foi-se á sua mobilia antiga, de pau preto torneado e de assentos de couro lavrado, e n'um só dia vendeu, queimou, sepultou em sotãos, dispersou todas essas fórmas vetustas que lhe vinham do passado; depois correu a um estofador da esquina, e comprou ao acaso, n'um lote, uma mobilia franceza. O que este homem fez, todo o Portugal o fez. N'um rompimento desesperado com o velho regimen, tudo quebrou, tudo estragou, tudo vendeu. Achou-se de repente nú; e como não tinha já o caracter, a força, o genio, para de si mesmo tirar uma nova civilização, feita ao seu feitio, e ao seu corpo, embrulhou-se á pressa n'uma civilização já feita, comprada n'um armazem, que lhe fica mal, e lhe não serve nas mangas.»

Pertence a transcrição ao capítulo *O Francezismo* das *Ultimas Paginas*. Para quem acuse levianamente Eça de Queiroz, e com Eça a sua geração, de estrangeirismo e desenraizamento, Eça responde-lhe aí com o coração nas mãos, num largo e carinhoso exame de consciência. Nascido e medrado numa sociedade toda torcida e aleijada pela obsessão das fôrmas gaulesas, — é bom que nos recordemos da infância de Fradique! —, Eça de Queiroz é uma vítima, como vítima foi a sua geração, a quem forçaram a pensar e a sentir em mau francês. Por isso *O Francezismo* é, quanto a mim, o testamento de Eça de Queiroz. Se Eça não *concluiu,* — repito —, é que a sua energia se consumiu inteiramente a limpar as cavalhariças de Augias. Mas concluiu por si e por êle, — insisto novamente —, Ramalho Ortigão. Atravessava-se uma época de análise, — a outros seria permitido o suor da reconstrução. No entanto, não contribuiu pouco para ela Eça de Queiroz, não sendo de mais que dispensemos ainda ao seu nacionalismo alguns momentos de atenção cuidadosa.

Fixemo-nos n'*A illustre casa de Ramires,* e tanto nos basta. Em *A illustre casa de Ramires* legou-nos Eça a mais completa e mais escrupulosa monografia que se conhece duma família portuguêsa. Já o crítico António Arroio nas *Notas sobre Portugal* o acentuava inteligentemente. Com a percepção amoravel da nossa paisagem, *A illustre Casa* denuncia na obra de Eça a posse soberana do estilo e das suas adestradas faculdades de romancista. Fechava-se para Eça a hora do sarcasmo depurador, vinha-lhe ao espírito uma ânsia nobre, — a ânsia de se amoldar à imagem e semelhança da pátria em que nascera. As figuras de *Os Maias,* do *Padre Amaro,* de *A Reliquia,* de *O primo Bazilio,* cerravam a galaria hipócrita e criminosa do Portugal da *Carta,* que amordaçara e desnaturara o Portugal de Ourique. O escritor

dirigia-se agora ao Portugal-português. Dirige-se com tanto enternecimento, com tanta religiosidade, que n'*A illustre Casa* quási chega a existir virtude na maneira discreta como Gracinha cái.

Em Gonçalo Mendes ergueu Eça um símbolo,—e um símbolo tocante. E' bem o símbolo duma raça apática, transviada do rumo superior dos seus destinos. Mas lá no fundo não se extinguiram ainda as bôas energias ancestrais. Dormem apenas. E um pequeno incidente, uma mais sacudida comoção moral, é bastante para que a cachoeira represada se despenhe outra vez e Gonçalo assista dentro de si à ressurreição daqueles tantos Ramires arcaicos que lhe ganharam o solar e lhe estilizaram o apelido.

Já se desenhava de atrás a volta de Eça de Queiroz à Terra e ao Sangue. De certo modo, a disposição literária de que nasceram os capítulos mais sàdios de *A Cidade e as Serras* indica-nos o comêço dêsse baptismo novo, em que o escritor iria reconciliar a riqueza da sua pêna com a formação natural do seu temperamento. Ha uma passagem em *A Cidade e as Serras,* que reputo expressiva. É a passagem em que os convivas do 202,—Eça esqueceu-se de enumerar Fradique entre êles, — ouvem atentamente, através do Paris subterrâneo, os écos duma cançoneta excitante que um aparelho próprio lhes transmite de qualquer teatro em voga nos *carnets* do canalhismo elegante. Chegam aos ouvidos ávidos das relações cosmopolitas de Jacinto Galeão as reticências maliciosas da cançonetista. É o brilho mórbido da civilização, é o farelo imundo que se escondia dentro dos pomos célebres de Chateaubriand. Saudoso dos horisontes familiares, o estoira-vergas do Zé-Fernandes, do vão duma janela, vê seguir a lua alta, por cima dos Campos-Elísios. Recorda-se então do luar na serra, chovendo a jorros sôbre as aldeias quietas. São dois traços sómente. Mas, em dois

traços rápidos, é dado o contraste entre o Paris gasto e inútil, embora doirado, e a vida simples de ação e bondade, ao ar livre, no coração da natureza. Julgo ser êste episódio o verdadeiro nó que prende o Eça analista ao Eça construtivo. Claro que já antes disso, aqui e além, talvez mais por instinto do que por deliberação, Eça nos fôra apontando as jornadas do seu itinerário nacionalista. Todavia, parece que não me engano, ao supôr que no episódio referido se traduz intencionalmente a mudança íntima do escritor.

E surge-me aqui o ensejo para inserir com oportunidade um detalhe duplamente curioso e impressionante, porque nos elucida sôbre os processos que Eça empregava na composição, ao mesmo tempo que nos ensina com que amor profundo o escritor se embebia nas coisas do nosso passado. Anda na memória de todos a morte do bastardo de Bayão, n'*A illustre Casa*. É, sem discordância, uma das maravilhas mais extraordinárias da prosa portuguêsa. Pois Eça não ideou a scena espantosa. Unicamente a extraiu das letras encaracoladas dum códice medieval, a que Herculano alude em uma das notas à sua *História,* insuflando-lhe Eça tôda a espantosa rialidade que a anima e que é sempre a minha tortura quando a leio. O caso deu-se, efectivamente. Deu-se na mesma ocasião em que a novela o coloca, reinando precisamente D. Afonso II e estando as Senhoras-Infantas cercadas em Montemór. Cercava-as por ordem del-rei um tal Martim Anes de Riba-de-Avisela. Derrotado, Martim Anes meteu-se por um paul, — dos muitos que ainda há no vale do Mondego. Conta o *Nobiliário,* chamado do «Colégio dos Nobres», que, ao arrancarem-no de lá, vinha agonizante, porque as sanguessugas o tinham chupado todo.

Em nada se diminúi o valor da criação formidavel de Eça

de Queiroz. Em arte, o que não é *rial,* é pelo menos *verídico.* Quando se cái nos domínios da pura invenção, já se não é Eça, — é-se simplesmente Júlio Dantas. Eça, como grande mestre, soube tirar da verdade aquela beleza dominadora que os medíocres costumam baldadamente pedir á fantasia. Justo é que nós o amemos, não como o Eça implacavel da ironia que não perdoa, mas como o obreiro internecido dum Portugal-Maior que está para renascer. Sentiu Eça o seu país com o coração e com o talento. No *S. Cristóvão* a missa ao Diabo, por entre o escuro da noite e da floresta, é tudo embebido dum conhecimento largo do nosso folclóre. Eça comprazia-se cada vez mais no estudo das nossas tradições populares. E um ligeiro facto nos demonstrará como na sua última fase o próprio criticismo do escritor se modificava e adoçava ao tocar na arca-santa da pátria.

Recordemo-nos de que foi na *Revista de Portugal* que a correspondência de Fradique apareceu a público. No estudo que a precede, Eça de Queiroz, a propósito dos apontamentos recolhidos por Fradique sôbre cultos primitivos, na sua viagem ao Zambeze, transmite-nos um bocado de conversação tido duma vez na rua de Varennes numa noite de ruidosa invernia. Ao calor do fogão e do café, circulava nos lábios a tése predilecta de Fradique-Renan àcerca da essência das religiões. Com aquêle traço sóbrio e incisivo que foi sempre o encanto da palavra de Fradique, o neto de D. Lopo Mendes levantava diante dos olhos dos seus convivas todo o mistério fundissimo da selva africana. Eça, seduzido, não se conteve: — «Fradique! ¿porque não descreve Você essa sua viagem á Africa?» Veiu de seguida o pasmo, a surpreza de Fradique, — um pasmo e uma surpreza sem afectação. «Era a vez primeira, — explica Eça —, que eu sugeria ao meu amigo

a idea de compor um livro». E o futuro revelador da *Correspondência* não encontra outra maneira de exprimir o espanto que assomou à face de Fradique, de ordinário imperturbavel, senão comentando: — «Foi como se lhe tivesse proposto uma epopeia sôbre o senhor D. João VI!» Isto lê-se na *Revista de Portugal.* Já se não lê, porêm, em *A correspondencia de Fradique Mendes,* editada em volume. Talvez tocado por uma visão mais justiceira da história, Eça de Queiroz deixou em paz o senhor D. João VI, — quem sabe se Eduardo Prado lho ensinara, pelo menos, a respeitar? —, e rectificou honestamente: — «Elle (Fradique) ergueu a face para mim com tanto espanto como se eu lhe propuzesse marchar descalço, atravez da noite tormentosa, até aos bosques de Marly.»

*

E Fradique? E o seu espólio? Embora pudesse parecê-lo, não me esqueci nem de Fradique nem do seu espólio. Para melhor se conhecer Fradique, até agora reputado simplesmente como um profissional de humorismos bizarros, nós necessitavamos de conhecer o seu *meio,* — de conhecer o seu *ambiente.* Nada mais falseado, em verdade, do que o *ambiente* em que se movimentou a geração de Fradique. É considerada como negadora, como iconoclasta, essa geração. Foi-o, efectivamente. Mas foi-o da ideologia liberalista, foi-o das mentiras e dos ídolos que abastardavam a essência eterna da Pátria. Era cedo ainda para que o seu esfôrço se polarizasse no sentido orgânico duma doutrina. Bastou-lhe, porêm, a observação; e a iluminá-la, a conduzi-la, a desbravar-lhe o caminho, velava por ela o génio rude e intenso de Proudhon.

A Proudhon, — um incrédulo —, deve a Igreja uma das

mais vibrantes defezas do poder temporal dos Papas. Não nos causa estranheza assim, que, á frente do livro de Jacques Bainville, *Bismarck et la France,* a memória de Proudhon se enlace comovedoramente à memória dos zuavos pontifícios caídos no campo de batalha. Pela influência máscula do pensamento proudhoniano, Antero, também fóra da Igreja, defenderia o *Syllabus* num opúsculo já hoje raro, antecipando-se bem quarenta anos às apologias célebres de Charles Maurras,—um agnóstico. Intitulava-se êsse folheto:—*Defeza da Carta Encyclica de S. S. Pio IX contra a chamada opinião liberal.* «É um protesto contra a falta de lógica com que as folhas liberaes atacavam o *Syllabus,*—informa Antero na sua *Carta auto-biográfica*—, declarando-se ao mesmo tempo fieis catholicas.»

A total ausência de cultura em Portugal não permitiu que se visse logo, através de Proudhon, a razão doutrinária do anti-constitucionalismo da geração de 60. Tomou-se como um simples acto de fé republicana,—como hoje se diria em boa linguagem comicieira. Antero, Eça de Queiroz, Oliveira Martins, ao falarem-lhes em *soluções,* aceitariam então,—admite-se—, teoricamente a república. Quando, porêm, mais tarde, o seu espírito, fechado o período analítico, se procurou aquietar na desejada e repousadora síntese—*Inveni portum!* como exclamaria Lemaître, ao atingi-la alvoroçadamente—, foi na *Monarquia-monárquica*—, conquista de civilização e de história, que sem dificuldade a descobriram. De resto, bem cedo Antero se impressionou com as analogias existentes entre Balzac e Proudhon. Não nos espanta, por isso, que, pela mão de Proudhon, chegasse àquele sereno ancoradoiro, de que Balzac reflecte a tranquilidade no prefácio imortal de *La Comédie Humaine.*

Ora Fradique, nada *proudhoniano,* mais sibarita que pensador, mais observador que sociólogo, teve de comum com

os seus amigos um ponto de partida: — Balzac. É certo que Fradique, com rara agudeza crítica, qualificava o estilo de Balzac «de uma exuberancia desordenada e barbarica», mas não se olvidava nunca de lhe mandar pôr sôbre a campa, no dia dos Mortos, um ramo de violetas de Parma — dessas violetas que em sua vida Balzac tanto amara. Também, por acusar Renan de falta de «solidez e nervo», nós não devemos atirar para o limbo das hipóteses inúteis o seu mais que evidente «renanismo». Ao acaso, nas menores manifestações de Fradique, êle se nos apresenta bem definido, bem caracterizado. E será por êsse fio que nós veremos como Fradique, isento da pressão de Proudhon, chegaria por interessante paralelismo a verificações sociais e políticas, idênticas às dos seus amigos.

«*Touriste* da intelligencia» se confessava espontâneamente Fradique. O crítico mais meticuloso, ao receber a sua confissão, não hesitava em classificá-la logo de «renanista». De *renanismo,* com efeito, corre eivado quási tudo o que possuimos de Fradique. É bem de Renan um excerto como êste, arrancado por Eça a uma carta de Fradique a G. F.: — «Todos nós que vivemos n'este globo formamos uma imensa caravana que marcha confusamente para o Nada. Cerca-nos uma Natureza inconsciente, impossivel, mortal como nós, que não nos entende, nem sequer nos vê, e d'onde não podemos esperar nem socorro nem consolação. Só nos resta, para nos dirigir, na rajada que nos leva, esse secular preceito, summa divina de toda a experiencia humana — «ajudae-vos uns aos outros!» Que, na tumultuosa caminhada, portanto, onde passos sem conta se misturam, cada um ceda metade do seu pão áquelle que tem fome; estenda metade do seu manto áquelle que tem frio; acuda com o braço áquelle que vai tropeçar; poupe o corpo d'aquelle que já tombou; e se algum mais bem seguro e provido para

o caminho necessitar apenas sympathia d'almas, que as almas se abram para elle transbordando d'essa sympathia... Só assim conseguiremos dar alguma belleza e alguma dignidade a esta escura debandada para a Morte.»

E tal como em Renan, em Carlos Fradique Mendes a esperança dum maior grau de consciência no Universo, como o único meio de vencer o dilema fatal da Vida, alternava, sem reticências nem transições demoradas, com o seu profundo orgulho na arte nobre do pensamento. «O homem, como os antigos reis do Oriente, — dizia Fradique em 1883 a Oliveira Martins —, não se deve mostrar aos seus semelhantes senão unica e serenamente *occupado no duro officio de reinar*, — isto é, de *pensar*.» E era ainda o seu excessivo culto pelo prestígio da Inteligência que levava Fradique, seguindo as pisadas de Renan e contra os preconceitos preponderantes na sua época, a condenar ásperamente a Democracia.

Eça guardou-nos um retalho precioso das idéas de Fradique sôbre «o grande êrro da nossa civilisação». Foi numa manhã de Maio, no jardim das Tulherias. Apoiado no braço do que viria a ser no futuro o seu biógrafo enternecido, Fradique abria-se vagarosamente, condenando «a extrema democratização da sciência, o seu universal e illimitado derramamento atravez das plebes». No horisonte já se desenhava a terrivel catástrofe,— a catástrofe tremenda. E Fradique ia alongar-se, quando, «ao transpormos a grade para a Praça da Concordia, — escreve Eça —, o Philosopho que assim lançava, por entre as tenras verduras de maio, estas predições de desastre e de fim — estaca, emmudece.» Ao trote fino duma égua passava um *coupé*, onde, de relance, flabelaram uns cabelos saborosamente côr de mel. Fradique interrompe a sua apocalipse e atira-se num fiacre arquejante para os lados do Cais de Orsay...

Ora, ao crepúsculo dêsse mesmo dia, Eça entrava em casa de Fradique, à rua de Varennes, — no velho palácio dos Tredennes. Fradique, de mãos enterradas na quinzena de seda, olhava melancólicamente para o jardim, já a esfumar-se na sombra. Ao alto, forrando a sala, quatro ricas tapeçarias de Luca Cornélio ressuscitavam os *Trabalhos de Hércules*. Pois com a maior naturalidade, como se o diálogo das Tulherias tivesse continuado pelo dia fóra, Fradique, sem mais preâmbulos, prosseguiu:

— «Não lho acabei de dizer ha pouco... A Sciencia, meu caro amigo, tem que recolher-se novamente aos Santuarios. Não ha outro meio de nos salvarmos da anarquia moral. Tem de ser recolhida aos Santuarios, repito, e entregue a um sacro collegio intellectual que a guarde contra as curiosidades das plebes... Ha a fazer com esta idéa um programma para as gerações novas!» Digam-me agora os senhores se é ou não é Renan puro, Renan genuino, — Renan dos *Drames Philosophiques*? Em Fradique transparecia, de uma maneira inconfundivel, uma das mais queridas aspirações de Renan, ao enunciar assim o seu desejo dum mundo regido por um areopago solene de sábios. Assustado com o crescer vozeante e ignaro das massas, já Renan apelara para um sumo-sacerdócio da sciência, dominando as multidões pelo terror dos seus poderes ilimitados e misteriosos. Na ausência de Deus, regressavam os deuses... E, ilusionado como Renan pelo prestígio mitológico dum intelectualismo prestes a desfazer-se, Fradique sofria-lhe as conseqùencias na terrivel escuridade da sua terrivel noite interior. Derivava daí a sua impossibilidade quási orgânica de *afirmação*, a que Teixeira de Azevedo, com precisão notabilissima, chamava *linfatismo crítico*. Comparando-o um pouco a Descartes, — Renan encontrava-se muito perto, para que a semelhança se surpreendesse com exactidão —, Oliveira Martins

fixara num relance de visão feliz o traço próprio da fisionomia mental e moral de Fradique naquela sua carta, de Novembro de 1877, a Eça de Queiroz: — «Com tudo isto falta-lhe na vida um fim serio e supremo, que estas qualidades, em si excellentes, concorressem a realizar. E receio que em logar do *Discurso sobre o Methodo,* venha só a deixar um *vaudeville.*»

Nada mais dolorosamente verdadeiro! Nada em que melhor se estampe o diletantismo de Fradique! Eu sei que Eça o não teve como *dilettanti,*—que, até numa defeza acalorada do seu amigo, se insurge contra essa designação em que freqùentemente o abrangiam. «O *dilettante,* com effeito, — pondera Eça — corre entre as ideias e os factos, como as borboletas (a quem é desde seculos comparado) correm entre as flores, para pousar, retomar logo o vôo estouvado, encontrando n'essa fugidia mutabilidade o deleite supremo. Fradique, porém, ia como a abelha, de cada planta pacientemente extrahindo o seu mel; quero dizer, de cada opinião recolhendo essa «parcella de verdade» que cada um invariavelmente contém, desde que homens, depois de outros homens, a tenham fomentado com interesse ou paixão.» Mas o que é isto senão o dilettantismo na sua forma superior, no seu abuso da relatividade, na sua incapacidade sintética e construtiva! Não! Não nos iludamos! Fradique foi um *dilettanti!* E como *dilettanti,* saboreando os beneffcios duma alta e invulgar cultura, é em Renan que nos cabe procurar o tipo intelectual que mais justamente lhe corresponde.

Depois, é mediante esta identificação de Fradique com o pensamento e com a psicologia de Renan que nós pudemos explicar o que, doutro modo, continuaria inexplicavel em Fradique: — o seu nacionalismo, em mais dum caso assinalado com paixão fervorosa numa pessoa como êle, que parecia distraìdo de todo pela perturbação das grandes urbes cos-

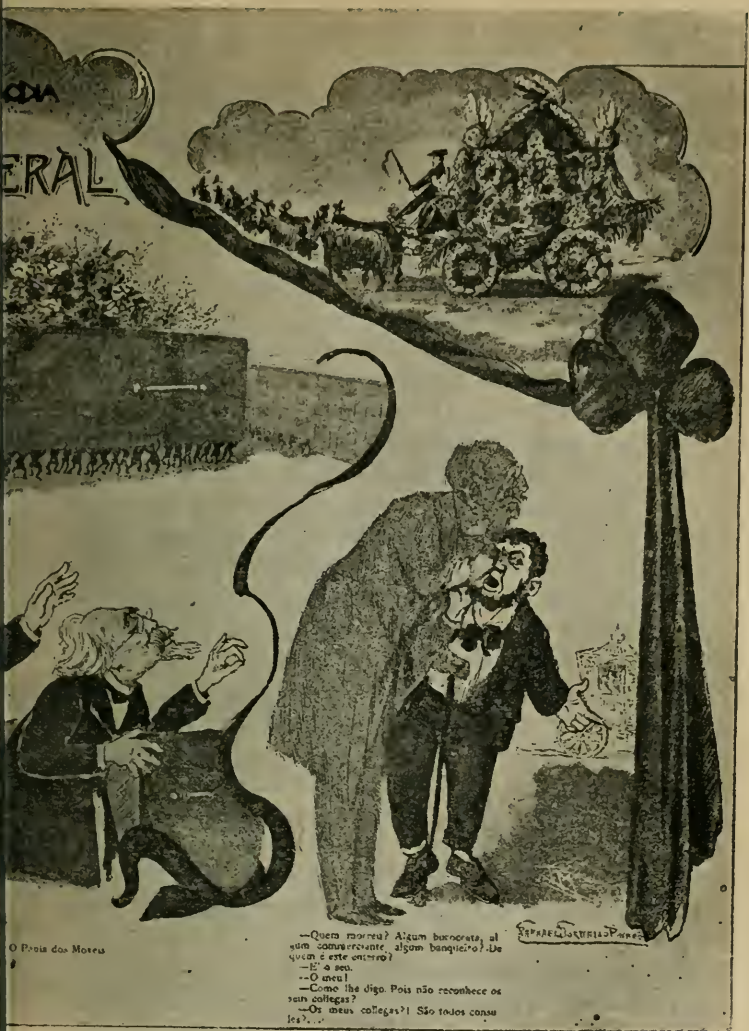
mopolitas. Provou-o Fradique magnificamente ao comprar a quinta do *Saragoça* em Sintra. Comprava-a, exprimia-se êle a F. G. «com desacostumada emoção» — acentúa Eça — «para *ter terra em Portugal,* e para se prender pelo forte vinculo da propriedade ao solo augusto d'onde um dia tinham partido, levados por um ingenuo impulso de idéas grandes, os seus avós, buscadores de mundos, de quem elle herdára o sangue e a curiosidade do *além.*» São palavras repassadas duma humildade religiosa, duma ternura tão rara e tão intima, que, sem querer, me trazem à lembrança as de Renan, ao invocar a memória dos da sua estirpe, agarrados secularmente ao torrão e fazendo economias de sensibilidade e de entendimento, de cujo tesoiro acumulado êle seria o usufrutuário venturoso.

Em Portugal descobria Fradique um sanatório para as suas torturas dialecticas de sofista insaciável. «Nada de idéas! — exclamava êle diante dum prato «complicado e profundo de bacalhau, pimentos e grão de bico», em certa taberna da Mouraria, aonde Eça de Queiroz o levara. Ao acaso, lançara-se o nome de Renan, — sua chaga viva, seu espelho preferido. Fradique mirou-se, horrorisado, e protestou com veemencia. «Nada de idéas! Nada de idéas! Deixem-me saborear esta bacalhoada em perfeita innocencia de espirito, como no tempo do senhor D. João V, antes da Democracia e da critica!»

Antes da Democracia e da Crítica! Eis um conceito que resume todo o segredo da personalidade de Fradique. Fio débil num enigma tão enleiante, mostra-nos, contudo, como Fradique reagia contra as baixas superstições do seu tempo. E é-nos lícito admitir, por esta via, que o nacionalismo de Fradique não se reduzia a ser unicamente um *nacionalismo pictural,* — um simples nacionalismo de esteta, buscando-se sempre a nota bizarra e imprevista.

O FUNERAL DE

FAMOSA PÁGINA DO JORNAL «A PARODIA



. DE QUEIROZ

SENHO DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Insofismavelmente no-lo indica a antipatia de Fradique pela vida de Lisboa, que, numa rápida faísca daquele seu humorismo tão cáustico e tão brilhante, definiu, duma vez para sempre, como «uma cidade traduzida do francez para calão». Conta Eça que, ao desembarcar em Santa Apolónia, — a morte poupou a Fradique o pavor da estação «manuelina» do Rossio! —, o tormento profundo de Fradique era descobrir, por debaixo das espessas e ignobeis camadas dum torpe francesismo de importação, o que, por acaso, restasse ainda do autêntico, do castiço Portugal. Começava logo por se desgostar com a comida. E então, num sentimento minucioso das coisas de algum dia, Fradique preguntava, — e preguntava doloridamente: — «Onde estão os pratos veneraveis do Portugal portuguez (do Portugal português — reparem!), o prato com macarrão do seculo XVIII, a almondega indigesta e divina do tempo das descobertas, ou essa maravilhosa cabidela de frango, petisco dilecto de Dom João IV, de que os fidalgos inglezes que vieram ao reino buscar a noiva de Carlos II levaram para Londres a surprehendente noticia? Tudo estragado! O mesmo provincianismo reles poz em calão as comedias de Labiche e os acepipes de Gouffé. E estamo-nos nutrindo miseravelmente dos sobejos democraticos do *boulevard*... Desastre estranho! As coisas mais deliciosas de Portugal, o lombo de porco, a vitela de Lafões, os legumes, os doces, os vinhos, degeneraram, *insipidaram*... Desde quando? Pelo que dizem os velhos, degeneraram desde o Constitucionalismo e o Parlamentarismo. Depois d'estes enxertos funestos no velho tronco lusitano, os fructos tem perdido o sabor como os homens tem perdido o caracter...» «Os fructos perderam em Portugal o sabor, como os homens perderam o caracter, desde o advento do Parlamentarismo, desde o Constitucionalismo...» E para que não

nos cresçam duvidas, Fradique trata as imortais-conquistas da Liberdade de «enxertos funestos no velho tronco lusitano». É tôda uma teoria contra-revolucionária que se enuncía, neste desprendimento elegante de Fradique. Suponho que se Madame Lobrinska tivesse permitido a Eça que remexesse no cofre espanhol do século XV, não saía de lá nem uma *Teoria da vontade,* nem uma *Psicologia das Religiões,* — repito. O que saía, detalhando uma *Filosofia de Reacção,* quási se adivinha nesse horror de inteligência e de instinto com que Fradique encarava a comédia-bufa do nosso ultra-romantismo político.

Documentou-o Fradique, em muita passagem sua, mas, sobretudo, em duas das suas mais celebradas cartas, — a carta endereçada a Mr. E. Mollinet, conspícuo director da *Revue de biographie et d'histoire,* e a ultima carta que se lhe conhece, dirigida a Madame de Jouarre, sua madrinha, e em cujo nome palpita ainda uma doce reminiscência de Renan. Na verdade, Fradique tipificou magnificamente o Constitucionalismo no Conselheiro Pacheco e no Padre Salgueiro. O Padre Salgueiro, amanuense de Nosso Senhor Jesus Christo, e Pacheco,— o de imenso talento, sempre calado, sempre recolhido nas profundidades de si-mesmo, marcam uma época e vitalizam uma mentira. E se lhes juntarmos D. Paulina, — a da casa de hóspedes, e o comendador Pinho, barão presumivel de S. Francisco, a Regeneração fica simbolizada em quatro figuras, que são outros tantos resumos de génio num tratado de experiência humana. Julgo demais examiná-las à luz do critério que ilumina o presente ensaio. Sómente aconselho a sua meditação reflectida, em seguida a uma leitura não menos reflectida do *Portugal contemporaneo*, ou das *Farpas*. Então se verificará a admirável coincidência doutrinária que presidiu no ambiente de Fradique à demolição consciente e sistemática do Libera-

lismo. Essa demolição, revestindo em Fradique termos mais brandos, podia êle tê-la bebido no Renan da *Reforme intellectuelle et morale*. E se traduz alguma influência remota de Proudhon, — Proudhon, com a sua rusticidade ardorosa, arranharia os nervos aristocráticos de Fradique —, é ao aludir, num periodo passageiro, às crenças do Rev.do Salgueiro. «Não admira, porêm, na obra pontifical de Pio IX, — esclarece Fradique —, nem a Infallibilidade, nem o *Syllabus;* porque se preza de liberal, deseja mais progresso, bemdiz os beneficios da instrucção, assigna *O Primeiro de Janeiro*:» Singular geração essa em que, de Antero a Fradique, se compreendia e respeitava o *Syllabus,* quando, a—dentro da Igreja, prelados, como o de Vizeu, se recusavam publicamente a defendê-lo !

Pena é que não chegasse a aparecer o volume *Versos e Prosas* de Fradique Mendes, anunciado por Eça na *Correspondencia*. Mais espaçadamente aí se confirmaria o intenso nacionalismo do glorioso amigo de Ana de Léon, — tanto mais que Eça proclama como verdadeiros «Ensaios Historicos» as cartas de Fradique a Oliveira Martins àcerca do nosso imperialismo no Oriente, do Sebastianismo e do Marquês de Pombal. Com fundamentos colhidos na história e na sociologia, êsse nacionalismo, — insisto —, não resultava, pois, duma mera guloseira de estética, dum picturalismo requintado e exigente. Em politica, conduzira Fradique francamente a uma posição de *inactual,* — de *antecipado,* que, por conhecimento próprio, o obrigou talvez à mudez inviolável do cofre espanhol do século XV. Fradique sentia o amor da história e não ha nada mais irreconciliável com a Democracia e com o Liberalismo do que a História — quando história —, na realidade! Foi por aí que Fradique recuperou o senso das coisas da nossa terra. E assim não nos espanta que Fradique amasse, em Portugal, principal-

mente o Povo. E porquê? Porque o Povo «não mudou, como não muda a Natureza que o envolve e lhe communica os seus caracteres graves e doces». Com o Povo, não mudou tambêm a Paisagem. E a Paisagem arrancou a Fradique essa écloga admiravel que é a carta escrita da quinta de Recaldes, no Minho, a Madame de Jouarre. «Um carro retardado, pesado de mato, geme pela sombra da azinhaga. E tudo é tão calmo e simples e terno, minha madrinha, que, em qualquer banco de pedra em que me sente, fico enlevado, sentindo a penetrante bondade das coisas, e tão em harmonia com ella, que não ha n'esta alma, toda encrostada das lamas do mundo, pensamento que não pudesse contar a um santo...»

Quando no nosso país se institúa a valer um curso de energia nacional, a Fradique se irá pedir, como uma das prelecções iniciais, a sua bela carta a M.me F. — maravilhoso epítome do que seja um patriotismo sentido com a inteligência e compreendido com a emoção. Sabem de certo a que carta me refiro? Refiro-me à resposta de Fradique a uma senhora que pretendia para seu filho um professor de espanhol. Numa hora de estrangeirismo invasor, a carta de Fradique precisava de andar em tôdas as bôcas, de ser lida em tôdas as escolas, de estar patente à entrada de tôdas as casas. É dessa carta um grande, um inolvidável conselho, digno de se reduzir às honras dum artigo de fé na religião, hoje tão desertada, da Terra e do Sangue: — «*Falemos nobremente mal, patrioticamente mal, as línguas dos outros*». E Fradique justifica-se, Fradique explica-se: — «Mesmo porque aos estrangeiros o polyglotta só inspira desconfiança, como ser que não tem raízes, nem lar estavel, — ser que róla através das nacionalidades alheias, successivamente se disfarça n'ellas, e tenta uma installação de vida em todas porque não é tolerado por nenhuma. Com effeito, se a

minha amiga percorrer a *Gazeta dos Tribunaes* verá que o perfeito polyglottismo é um instrumento de alta *escroquerie*».

Passo em claro o episódio comovedor da tia de Fradique (os genealogistas descobrirão, de futuro, se o era por via materna, se por linha paterna), boa e excelente senhora, que, sem falar mais do que o minhoto, «nunca, em cidade ou região intelligente do Universo, ... deixou de comer os seus ovos, e superiormente frescos». E no momento em que se funda em Portugal uma *Casa de Jornalistas*, — que diabo serão na sociedade os jornalistas para terem casa? —, prefiro recordar a definição que Fradique nos dava dos jornais portugueses. Como *fenómenos picarescos de decomposição social* os encarava e caracterizava o poeta fugidio dos *Lapidários*. Pois aos jornais, como desfôrço póstumo, pode Fradique agradecer o conceito de fazedor impertinente de frases que lhe desbota e ennegrece a memória! Pobre Fradique! Ninguem padeceu como êle a tragédia profunda da Inteligência,—e ninguem como êle é ainda agora festejado como um profissional de ironias célebres, impostas, ditatorialmente, do alto da sua correcção, a uma plebe anónima de *snobs* — dos que vegetam, como o lixo da rua, ao longo dos *carnets-mondains* e alternam com os moços de corda às esquinas inglórias do Chiado. Afilhado, se não irmão mais novo de Renan, Fradique teve, como Renan, o encanto da conversação e o gôsto do estílo. Mas, como em Renan, a bondosa despreocupação de Fradique não correspondia ao conteúdo exacto da sua alma.

Léon Daudet apresenta-nos algures Renan como «*un scéptique suspendu entre un rêve multicolore et le néant.*» Suspensa entre a imagem obsediante do Nada e o sonho artificial de que baldadamente se tentou rodear, eis como decorreu a existência, só nas aparências tranquila e sorridente, de Car-

los Fradique Mendes. *Inopinatam atque repentinam*, veiu um dia a morte, — a morte que êle e Cesar foram os dois a apetecer, igual. O segredo de Fradique ficou para sempre guardado no cofre espanhol do século XV, confiado aos cuidados severos de Madame Lobrinska, — aquela «sapiente Libuska» que se movia com o esplendido pêso duma estátua. Debalde insistiu Eça de Queiroz pará que os inéditos de Fradique se revelassem, belos, à admiração internecida dos seus amigos. Refugiada entre neves e crépes, nos confins do govêrno de Karkoff, Madame Lobrinska obstinou-se sempre numa recusa tão inabalavel e tão gelada, como a impenetrabilidade das velhas esfinges tumulares. Morreu Madame Lobrinska. E nas mãos dos seus herdeiros os papeis de Fradique, ou voaram desfeitos na indiferença da gente estranha, ou juntaram as suas cinzas às cinzas do vasto domínio, quando ultimamente os campesinos de Karkoff o reduziram a um montão de cinzas acarvoadas.

*

* *

Pregunta-se:—mas o que conteria afinal o cofre espanhol do século XV, tão ciosamente guardado por Madame Lobrinska? Não creiam que contivesse *Memorías,* — e muito menos, ou uma *Teoria da Vontade,* ou uma *Psicologia das Religiões*. Senhor de tôda a cultura da sua época, Fradique não ignorava que essa cultura representava superiormente, com Balzac, Comte, Taine, Renan e tantos outros, um sistema de crítica filosófica aos baixos erros da Democracia e do Liberalismo.

Não se entende, de outro modo, que Fradique — um cosmopolita e um *dilettanti,* — concluisse emotiva, estética e socialmente num nacionalismo tão intenso e tão apaixo-

nado, como o que nos oferece o estudo reflectido da sua *Correspondencia*. Afigura-se-me que, se nalgum trabalho de fôlego, consistia o espólio literário de Fradique, talvez se intitulasse *Filosofia da Reacção*. Não é constranger a uma idéa minha as idéas sempre tão vigorosas e tão independentes de Fradique. É antes concretizar numa fórmula precisa o espírito e as intenções do pouco que de Fradique chegou até nós, desgraçadamente.

Mas seja como fôr, na minha livraria eu coloco doraàvante o volume de *A Correspondencia*, entre os pensadores politicos, ao lado de *O Novo-Príncipe*, do dr. José da Gama e Castro, e de *O Desengano*, do P.e José Agostinho de Macedo. E se àmanhã, de posse de subsídios inesperados e mais decisivos, houver de refundir o presente ensaio, chamar-lhe-ei definitivamente e com mais propriedade: — *Fradique, mestre da Contra-Revolução*.

Badajoz, exílio, 2 de Janeiro de 1920.

ANTÓNIO SARDINHA.